



TOD@S NA FOTO: MENINOS E MENINAS FOTOGRAFAM O COTIDIANO NO ASSENTAMENTO DOM TOMÁS BALDUÍNO

Marcia Gobbi*
Daniela Finco**

Resumo – Este artigo busca apresentar meninos e meninas com até 6 anos de idade moradores do assentamento Dom Tomás Balduino, Regional Grande São Paulo, como autores de suas fotografias. Resultando de processos de investigação bastante inventivos, as crianças permitem-nos aprender com elas sobre seus modos de ver e organizar mundos a partir e com as imagens. Apresentam-se aqui algumas das fotografias tiradas, entre as três mil que compõem a pesquisa realizada no assentamento, como convite ao olhar e a pesquisas em que as sociologias da imagem e da infância possam estabelecer conversas, promovendo debates sobre as crianças e constituindo conhecimentos.

Palavras-chave: sociologia da imagem, crianças, fotografia, sociologia da infância, arte e infância.

PARA COMEÇO DE CONVERSA

Sabe-se que a infância é uma construção social e histórica. Nesse período da vida, meninos e meninas são considerados sujeitos históricos e de direitos, o que constitui formas de estar no mundo manifestas nas relações e práticas diárias por eles vivenciadas, experimentando a cada instante suas brincadeiras, invenções, fantasias, desejos que lhes permitem construir sentidos e culturas das quais fazem parte, permitindo-nos afirmar que são ativos, capazes, com saberes diversos, que se manifestam com riqueza demonstrando suas capacidades de compreender e expressar o mundo, colaborando em sua construção como coconstrutoras, numa constante via de mão dupla, nas relações sociais e culturais estabelecidas com todos de idades iguais e diferentes, compreendendo-se as diferenças de classe social, étnicas, gênero, religiosas. A construção social da infância aponta um novo paradigma de estudos: a compreensão sobre o papel ativo da criança possibilita perceber que há realidades

* Doutora e mestra em Ciências Sociais e Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora do Departamento de Metodologia de Ensino e Educação Comparada da Universidade de São Paulo (USP).

** Doutora e mestra em Ciências Sociais e Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

sociais que só podem ser descobertas, apreendidas e analisadas a partir do ponto de vista das crianças e de seus universos específicos. Elas interagem no mundo do adulto, negociam, compartilham e criam culturas. No que tange às pesquisas acadêmicas, é necessário refletir sobre metodologias que realmente tenham como foco suas vozes, seus olhares, suas experiências e seus pontos de vista, objetivando confluir tais conhecimentos àqueles construídos pelos adultos que pesquisam, estudam ou trabalham diretamente com as crianças.

Recentemente, vários pesquisadores têm demonstrado a importância de criar práticas de pesquisa que considerem a perspectiva das crianças quanto a diferentes contextos sociais, como forma de melhor conhecermos meninos e meninas, bem como saber suas formas de compreender o mundo, e, com isso, procura-se uma maior aproximação do ponto de vista das diferentes infâncias.

Tal proposta apresenta uma contribuição inestimável para a constituição e ampliação de campos de pesquisa que consideram as vozes das crianças e não só. Acreditando que as crianças são sujeitos de direitos e cidadãs agora, tais concepções nos provocam a pensá-las no diálogo com outras linguagens, podendo expressar-se utilizando-as em seu cotidiano, ou mesmo que tais linguagens podem nos servir como fontes fundamentais para que conheçamos mais e melhor meninos e meninas, em seus diferentes aspectos. Uma delas é a fotografia, que se insere como importante recurso nos procedimentos metodológicos de pesquisa e objeto material que pode ser utilizado para investigarmos com as crianças contextos sociais e culturais, aprendendo com os meninos e meninas a compreender espaços, relações, valores, que até então não havíamos percebido. Como objeto material portador de história, disparador e provocador de memórias, fonte indiciária, conhecer também os usos sociais dados à fotografia, tal como preconizado por Martins (2008) e Bourdieu (2005), torna-se fundamental como ponto de partida para se saber mais e melhor também sobre as infâncias a partir do que elas fotografam e sobre as crianças quando fotógrafas.

Neste artigo, fruto de pesquisa realizada com crianças numa ciranda infantil do assentamento Dom Tomás Balduino, considera-se uma perspectiva não centrada no adulto ou adulta; estes são considerados coparticipantes dos procedimentos de pesquisa e, sobretudo, da compreensão que se tem sobre crianças e infâncias. O que estamos chamando aqui de coparticipação tem inspirações nas bases de uma pedagogia da escuta, somando-se a um caráter não adultocêntrico (ROSEMBERG, 1996), ou seja, cujas propostas partem somente da perspectiva adulta. Os encaminhamentos desta pesquisa procuram considerar direcionamentos dados pelos meninos e meninas, perguntas e respostas, considerações que vêm a enriquecer a percepção adulta sobre aspectos ainda não vistos sobre as diferentes realidades pesquisadas.

Por meio da análise das diferenças socioculturais, busca-se levar em conta a capacidade de as crianças estabelecerem relações na diversidade, produzirem saberes e construir culturas próprias dos grupos infantis no convívio coletivo com seus pares em iguais ou diferentes faixas etárias. Para tanto, o uso da máquina fotográfica com crianças se constitui

como foco na pesquisa, tornando-se como instrumento profícuo para as pesquisas com meninos e meninas pequenas. Algumas questões têm se apresentado como fundamentais para esta pesquisa e se constituíram como pontos de partida:

- Como as fotografias são representações do social, o que meninas e meninos estão representando nas imagens fotográficas no assentamento?
- O cotidiano tem se apresentado em inúmeros aspectos, revelando vários assentamentos dentro do assentamento, vários desejos, experiências, segundo as representações de meninos e meninas que podem ser encontradas nas imagens, ou melhor, nas entreimagens das fotografias, quando se procura ver o invisível?
- O que é possível inferir sobre as formas diferenciadas de enxergar o mundo em que vivem?
- Como se dá a utilização desse equipamento nas mãos das crianças pequenas?
- Há a conjugação de outras linguagens à fotografia, além da oralidade, quando os meninos e as meninas estão dizendo o que fotografaram?

O artigo busca contribuir para o aprofundamento do conhecimento a respeito de meninos e meninas, especialmente para a elaboração e o refinamento de metodologias de pesquisa com crianças no tema dos movimentos sociais e das relações de gênero, no campo de conhecimento das ciências sociais.

Busca-se compreender como meninos e meninas significam, constroem e reconhecem o seu mundo, a partir de suas próprias perspectivas, dentro do cotidiano de um assentamento. Buscamos defender o lugar e o espaço das crianças, a partir do recente campo teórico da sociologia da infância no diálogo com a sociologia da imagem, por meio da discussão e reflexão das implicações metodológicas da pesquisa com crianças a partir da recolha de dados por meio de fotografias.

Este artigo apresenta aspectos das experiências cotidianas no assentamento Dom Tomás, em São Paulo, ligado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), procurando aprofundar os conhecimentos sobre as infâncias dos assentados a partir de experiências de estudos e pesquisa de um único assentamento. Assim, esta pesquisa busca contribuir para a emergência de um novo campo de estudos no Brasil: a sociologia da imagem que contemple a infância, que a toma como uma construção social específica, que tem uma cultura própria e merece ser considerada nos seus traços peculiares, trazendo o reconhecimento da criança como sujeito ativo no campo sociológico brasileiro, não se compreendendo mais os meninos e as meninas com base nos estudos durkheimianos, quando as crianças eram vistas como receptoras do mundo adulto, mudas da história, como diria Martins (2008). Na proposição desta pesquisa, meninos e meninas são concebidos como sujeitos, o que implica diferentes posturas ante os estudos, os dados coletados e a compreensão das infâncias.

Este estudo baseia-se na experiência de um projeto de investigação em que a fotografia é utilizada com crianças como um método de recolha de dados e ferramenta de apresentação. Tem o objetivo de tentar aumentar as oportunidades para que os adultos aprendam sobre temas com base na perspectiva das crianças. Desse modo, temos que

[...] a sociologia da infância proclama a necessidade de ferramentas metodológicas que se conectem com os "devires" imprevisíveis, já que as crianças, em determinados momentos, rompem com aquilo que para nós é natural e necessário (ABRAMOVICZ; OLIVEIRA, 2010, p. 43).

Queremos antes de tudo entender o que "está sendo dito" por nossos interlocutores. [...] Mas o antropólogo trabalha a base da premissa de que o processo comunicativo não é tão simples assim – que, em muitas situações, por causa de uma diferença em faixa etária, classe, grupo étnico, sexo ou outro fator existe uma diferença significativa entre os dois universos simbólicos, capaz de jogar areia no diálogo. Em outras palavras, a antropologia procura criar dúvidas, levantando hipóteses sobre os hiatos e assimetrias que existem entre nossa maneira de ver as coisas e a dos outros (GEERTZ, 1978, p. 59).

Sobre o uso da máquina fotográfica nas pesquisas com crianças, Cook e Hells (2007) revelam que o uso de recursos audiovisuais se mostra como eficiente instrumento para acessar o "mundo infantil". Justificam ainda que o uso da fotografia pelas crianças e o manuseio de uma simples câmera fotográfica não é apenas possível, mas também é uma tarefa prazerosa, altamente motivadora e lúdica.

SOCIOLOGIA DA IMAGEM ENCONTRA A SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA: DIÁLOGOS FECUNDOS

Este estudo defende o lugar, o espaço e a participação das crianças nas investigações dentro do campo das ciências sociais, ao mesmo tempo que reconhece a autoria de meninos e meninas ao tirarem suas fotografias, merecendo a construção de metodologias e olhares próprios para sua análise e conhecimento. Para isso, tem como uma das bases teóricas as sociologias da infância e da imagem, que desejam romper com as abordagens clássicas da socialização e tratar as crianças como atores sociais. O desafio é o de estudar as crianças não como objetos da socialização dos adultos, mas como sujeitos dos processos de socialização.

Diante das contribuições recentes da sociologia da infância, enfrentamos o desafio de tentar compreender os desejos e as lógicas de meninos e meninas, e de usar essas informações em seu favor, para que diferenças se explicitem sem que sejam transformadas em desigualdades.

Como resultado desse processo, ampliamos o nosso entendimento sobre diversos aspectos das complexas e intrincadas relações de gênero na infância. Embora estudos das ciências sociais tenham demonstrado uma

[...] "crítica e sistemática desmistificação" das ideologias dominantes do capitalismo em relação à classe social, do colonialismo em relação à raça e do patriarcado em relação ao gênero, até agora "a ideologia do desenvolvimento baseada em uma visão adultocentrada e na concepção a-histórica das crianças" tem se mantido relativamente intacta no que diz respeito à infância (JENKS, 2002, p. 122).

A psicologia do desenvolvimento tem exercido importante papel nas relações de poder (DAHLBERG; MOSS; PENCE, 2003) por meio de um sistema de conceitos e classificações. Baseia-se em uma visão adultocentrada e na concepção a-histórica das crianças, pois toma o adulto como parâmetro de normalidade e evolução, imprimindo à infância um caráter natural e atemporal. Segundo Rosemberg (1996), essa perspectiva acaba por retirar da infância seu caráter histórico, ou seja, seu potencial transformador.

Por isso, somente a psicologia do desenvolvimento não é suficiente para conceituar os períodos de infância. O que interessa ressaltar, para esta investigação, é que as etapas do desenvolvimento cognitivo, afetivo e biológico, assim como nossas identidades de gênero, variam de uma época a outra, de uma sociedade a outra, de um grupo social a outro, de um sujeito a outro.

A sociologia da infância propõe-se a constituir a infância como objeto sociológico, resgatando-a das perspectivas biologistas – que a reduzem a um estado intermediário de maturação e desenvolvimento humano – e psicologizantes, que tendem a interpretar as crianças como "indivíduos que se desenvolvem independentemente da construção social das suas condições de existência e das representações e imagens historicamente construídas sobre e para elas" (SARMENTO; CERISARA, 2004, p. 114).

Essa proposta obriga a uma recomposição do campo sociológico, quer em termos teóricos, quer metodológicos, solicitando que a sociologia da infância possa ser, mais do que uma sociologia da escolarização e da família, uma sociologia da socialização, centrada na análise dos processos de socialização de que participam adultos e outras crianças.

Nesse sentido, a socialização passa a ser compreendida como um processo múltiplo, conjunto heterogêneo de experiências socializadoras, como um trabalho coletivo de construção e apreensão do mundo, como uma realidade social que faz existir os diferentes sujeitos, atores sociais: adulto-criança e criança-criança. Essa concepção de socialização problematiza a perspectiva que toma a criança como ser universal e a-histórico.

Assim, outra noção de desenvolvimento da infância – diferentemente do desenvolvimento psicológico individual da criança – pressupõe seu desenvolvimento histórico, social, polí-

tico e cultural. Aponta para a construção social da infância como um novo paradigma, com ênfase na necessidade de elaborar a reconstrução desse conceito marcado por uma visão ocidental e adultocêntrica de criança.

Podemos afirmar que meninos e meninas são atores sociais porque sua própria existência modifica o entorno social e obriga a adotar medidas em relação a eles. Portanto, crianças têm uma participação social bilateral: afetam e são afetadas pela sociedade. As crianças são atores sociais nos mundos sociais de que participam. E a investigação sociológica com crianças deve focar suas condições de vida, atividades, relações, conhecimento e experiências; deve centrar-se nas experiências cotidianas das crianças, especialmente nas suas relações com outras crianças e com os adultos.

Novos estudos sociais da infância devem restabelecer as crianças como atores de seus próprios direitos e não como meros receptáculos dos conhecimentos e normas dos adultos. Na sociedade moderna, a ideia de infância foi universalizada com base nos critérios de idade e de dependência de pessoas adultas. As características hegemônicas colocam a criança, independentemente de suas condições históricas e culturais, no lugar de subserviência e, portanto, concebida e tratada como imatura e dependente, carente e incompleta, semente a desabrochar.

Para Priscilla Alderson (2003), ao longo do último século, os direitos dos adultos sofreram grandes alterações, pelo menos em teoria: todos os adultos são respeitados como indivíduos, com opinião, e não como submissos dependentes. Porém, as crianças continuam a ser consideradas no limbo das ideias do século XIX acerca da infância. Elas são excluídas de muitas áreas da sociedade – tal como acontecia com as mulheres: "As crianças raramente são consideradas como pessoas reais, competentes e pensantes, continuando a ser encaradas como pré-pessoas que precisam do firme controle do adulto enquanto as suas mentes crescem lentamente à medida dos seus corpos" (ALDERSON, 2003, p. 264).

Se a vontade de um indivíduo de atuar e ser reconhecido como ator social é o que define o sujeito, como afirma Alain Touraine (1976), temos que concordar que as crianças estão distantes de serem atores completos, principalmente pela falta de reconhecimento social. Isso porque a percepção tradicional de criança está condicionada pela evidência de sua limitação física e mental, apesar de que, muitas vezes, espera-se das crianças condutas próprias de uma forma de ser adulta.

A discussão sobre as crianças como sujeitos ou atores sociais mostra que elas, não importando sua idade, são pessoas com seus próprios direitos, gente com características e habilidades específicas que devem ser apreciadas e respeitadas por seus semelhantes, os adultos, seres humanos. É uma visão oposta à das crianças como objetos para os adultos, visão que nega a necessidade de proteção especial para as crianças, mas não à custa do seu direito de compartilhar e participar da vida social. Por isso, a posição da infância é contraditória: as crianças são, ao mesmo tempo, objetos de proteção e sujeitos de direitos e atores sociais.

Para o estudo e o entendimento da condição infantil, é preciso levar em conta, portanto, que "as crianças estão imersas nos processos de socialização dos modos de vida dos adultos e, por isso, possuem autonomia relativa em relação a esses modos e aos processos de institucionalização da infância, de atenção e de controle de suas experiências" (PRADO, 2006, p. 22).

O grande desafio está em compreender que, como categoria social específica, as crianças atuam com base em suas próprias especificidades, a partir de sua visão de mundo, no impacto que produzem suas primeiras experiências, na relação com os adultos, às vezes controladoras, às vezes protetoras, fonte de satisfação, mas também de frustração.

Somente buscando situar a perspectiva da infância, buscando a ótica das próprias crianças, é possível começar a pensá-las como seres atuantes e entender até que ponto as medidas de proteção que se lhes aplicam servem aos seus interesses ou as constroem sem justificativas.

As infâncias, atualmente ganhando peso no que tange às preocupações de pesquisadores de diferentes áreas de conhecimento, têm se constituído como foco de reflexões de movimentos sociais. Destacamos aqui o MST, para o qual as crianças e seus direitos têm sido pensadas conjuntamente às lutas sociais já travadas ao longo de décadas. As cirandas infantis pesquisadas por Edna Rossetto (2008) são parte materializada dessas preocupações e são definidas pelo MST como

[...] Um espaço educativo organizado, com objetivo de trabalhar as várias dimensões de ser criança Sem Terrinha, como sujeito de direitos, com valores, imaginação, fantasia, vinculando as vivências do cotidiano, as relações de gênero, a cooperação, a criticidade e a autonomia [...]. São espaços educativos intencionalmente planejados, nos quais as crianças aprendem, em movimento, a ocupar o seu lugar na organização de que fazem parte. É muito mais que espaços físicos, são espaços de trocas, aprendizados e vivências coletivas. Acredita-se que temos esboçado nesta afirmação parte de reflexões e ações voltadas para as meninas e meninos pequenos dentro do Movimento. É interessante observar que cantar, brincar, jogar, criar estão conjugados ao trabalho e à luta pela terra, da qual participam, em diferentes condições com os adultos e adultas, cotidianamente (ROSSETTO, 2008, p. 104).

Observa-se que as crianças estão em constante movimento, e essas atividades contribuem para elevar a autonomia. É no coletivo infantil que está a possibilidade de despertar nas crianças vivências de uma verdadeira prática de educação emancipadora. É, também, nessa coletividade que as crianças vão se apropriando de elementos que contribuem para o seu processo de formação, que faz de seu tempo de infância um movimento pedagógico em luta; luta pela terra, pela reforma agrária, pela transformação da sociedade, entre outros. O potencial emancipatório das cirandas infantis, ao qual nos referimos, revela-se a partir da compreensão de que a luta pela terra não se encerra apenas com a sua conquista, ou seja, é

preciso ir além, a sociedade precisa ser transformada em todos os níveis: econômica, política e socioculturalmente.

Evidencia-se assim uma concepção de infância que se delinea na própria luta pela terra em coletivos formados por adultos e crianças, buscando-se a emancipação desses seres humanos. Como diria Roseli Caldart (2004), trata-se, além de propor nova configuração social, de discutir com base em uma pedagogia própria que poderá, ao longo do tempo, contribuir não apenas para a formação interna do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, como também para a formação da sociedade em torno. Assim como os adultos, meninas e meninos participam dos processos de mudanças que caracterizam a sociedade contemporânea e, nesse caso em especial, participam conjugando trabalho, brincadeiras, criações diversas nas relações com seus pares. A proposta, pelo MST, é pensar as crianças a partir delas mesmas, em seus avanços, certezas e incertezas, nas construções de seus universos na luta pela terra. Com o que tendemos a concordar e partir para as investigações.

Do ponto de vista das práticas nas pesquisas, porém, como fazer para incorporar as crianças como atores sociais? As fotografias tiradas pelas crianças podem auxiliar no refinamento do nosso olhar adulto para as particularidades das crianças no contexto da infância e na forma como elas se identificam e interpretam suas relações.

O percurso da relação entre as ciências sociais e as imagens fotográficas ocorre, num primeiro momento, como recurso metodológico de pesquisa ou mesmo como fonte documental a ser consultada e da qual se pode partir para o desenvolvimento de muitas pesquisas.

A imagem vem acompanhando os trabalhos de pesquisa no domínio das ciências sociais desde o seu surgimento. Antes do advento de técnicas mais modernas de representação iconográfica, desenhistas de reconhecida habilidade integravam as expedições científicas europeias que se lançavam ao mundo dentro de um projeto de expansão colonialista para investigar o outro: o chamado "selvagem", o que se apresentava como diferente dos colonizadores, tanto do ponto de vista humano ou destacando demais aspectos da natureza pouco ou nada conhecidos. Em meados do século XIX, a fotografia aliou-se à antropologia na tarefa de inventariar culturas e modos de vida estranhos ao homem dito "civilizado". Desde então, as imagens produzidas por esse meio mecânico de representação bidimensional do mundo passaram a fazer parte da bagagem dos cientistas sociais, servindo como provas ilustrativas das "verdades" contidas nos textos sobre as sociedades analisadas.

A função de ilustrar textos acadêmicos foi, para a maioria dos pesquisadores, o uso mais comum da fotografia no campo das ciências sociais, prática hoje bastante refutada.

As potencialidades da câmera fotográfica e cinematográfica na tarefa de levantamento de dados etnográficos estão presentes em variadas pesquisas, em destaque as realizadas por Gregory Bateson e Margareth Mead, nos anos 1930. A fotografia como auxiliar do caderno de notas na documentação fiel de elementos da cultura material e tecnológico de um povo, como facilitadora da entrada do antropólogo no universo a ser investigado, como motivadora

e desencadeadora de conversações numa situação de entrevista e como fonte de informação mais segura e objetiva, numa etapa posterior ao trabalho de campo, quando o pesquisador não se encontra mais em contato com o seu objeto de estudo, é placidamente aceita sem causar celeuma.

Segundo Novaes (2009), na sociologia e antropologia, o uso de imagens em artigos científicos também desaparece no início da segunda década do século XX. Há uma proeminência dos quadros estatísticos e das discussões teórico-metodológicas, o que torna a disciplina mais verbal, desconsiderando os aspectos imagéticos. É interessante observar que isso ocorre contrariando o quanto nossos textos encontram-se impregnados de termos que abordam a visualidade. As imagens não substituíam os textos escritos, mas se ofereciam e se oferecem como fontes documentais, constituindo-se como documentos históricos importantes, ponto de partida para pesquisadores que, ao articularem-nas aos textos escritos, davam a estes fundamentações até mais consistentes, não sendo meras ilustrações de outra linguagem tida socialmente como mais importante.

Destaca-se que, ao serem concebidas como fontes, isso não significa tê-las como testemunhos empíricos, autoevidentes ou ainda percebê-las como algo que daria a ver a sociedade ou sua história e os diferentes elementos contidos nela de forma testemunhal. A fotografia é vista como algo que colabora com a produção de conhecimento e como tal prescinde ser tratada como representação social, produto material e segmento de relações sociais.

Trata-se de propor que coloquemos as imagens fotográficas em pauta, com o propósito de discutir sua forma e seu conteúdo e considerar sua polissemia. Deve-se considerar também que, nas imagens fotográficas, estão presentes imaginação e fantasia. Não se trata, portanto, de reproduções fiéis da realidade. As reflexões sociológicas podem contribuir de forma expressiva, evidenciando, entre tantas outras informações, as culturas infantis que emergem e as culturas docentes que também podem ser percebidas, ou mesmo, questionadas. Segundo Martins (2008), a sociologia da imagem deve dialogar criticamente com o imaginário sociológico, no caso das crianças pequenas, porque não: provocar a imaginação sendo também fruto das mesmas. A proposta, ainda um tanto inovadora, é colocar as fotografias não somente como fontes para as pesquisas dos adultos com adultos, mas também destes com as crianças e a partir delas. Experiências nesse sentido podem ser vistas na recente pesquisa de Fernanda Müller (2007), cuja busca foi retratar a infância, pelas próprias crianças, na cidade de Porto Alegre.

As fotografias captadas pelas crianças podem ser um rico material para a compreensão de suas infâncias. Podem ser um elemento possibilitador da compreensão da linguagem das crianças, daquilo que elas nos dizem, mesmo sem o uso de palavras. Podemos dizer que o ponto de partida desse instrumento metodológico é a interação entre as pesquisadoras e as crianças. Assim, a ênfase é no cotidiano e no subjetivo, no contato e no diálogo estabelecido entre as crianças e as pesquisadoras, e é nessa área de comunicação que a fotografia pode

atuar, na aproximação de diferentes universos simbólicos. Nesse sentido, Clifford Geertz (1978, p. 59) aponta:

Queremos antes de tudo entender o que “está sendo dito” por nossos interlocutores. [...] Mas o antropólogo trabalha a base da premissa de que o processo comunicativo não é tão simples assim – que, em muitas situações, por causa de uma diferença em faixa etária, classe, grupo étnico, sexo ou outro fator existe uma diferença significativa entre os dois universos simbólicos, capaz de jogar areia no diálogo. Em outras palavras, a antropologia procura criar dúvidas, levantando hipóteses sobre os hiatos e assimetrias que existem entre nossa maneira de ver as coisas e a dos outros.

O QUE MENINOS E MENINAS TÊM FOTOGRAFADO NO ASSENTAMENTO? DIFERENTES MODOS DE VER

O assentamento Dom Tomás situa-se na cidade de Francisco Morato, Grande São Paulo. Existe há dez anos. Abriga em seu terreno casas de alvenaria, em diferentes modelos escolhidos pelos assentados. Os assentados cultivam vários produtos agrícolas com suas famílias, e, não raro, crianças, jovens e adultos plantam uva, morango e repolho ou criam abelhas. As fotos, muitas vezes, mostravam as plantações e seus frutos.



Figura 1 Bichinhos de pelúcia

Fonte: Foto tirada por Antonio, do assentamento Dom Tomás.

Antonio, nas fotografias tiradas (mais de cem), apresenta assuntos variados e a permanência de pelo menos dois deles: bichinhos de pelúcia e brinquedos e seus dois gatos. Estes últimos foram fotografados em poses diversas sobre o sofá da sala, gramado do assentamento, chão da casa. Atentaremos para a reunião dos bichinhos que aqui representa outras tantas fotos de meninos e meninas que mostram conjuntos de brinquedos, organizados

para a fotografia propriamente dita. Interessa observar que aparentemente o intuito é mostrar a coleção. A fotografia surge como forma de provocar no outro o conhecimento sobre o que se possui, com o que se brinca, em que estado de conservação encontram-se e, ao mesmo tempo, o gosto por esses tipos de bichinhos de pelúcia. Porém, vale ressaltar que Antonio buscou a organização dos bichinhos, numa evidente relação com a pose para a foto, mas, ao mesmo tempo, resultando de investigação e conversa com a fotografia. Lembrando-se de que eles usaram câmeras digitais, o argumento de Antônio é que olhava e queria a melhor fotografia.

A seleção de cenas – escolha de objetos a serem fotografados e como fotografá-los – revela que a câmera fotográfica não se reduz ao objeto com o qual se joga, mas apresenta-se como meio para investigação dos contextos sociais e culturais em que estão inseridos e construídos também pelas crianças.

Para observarmos as fotografias, entre tantas categorias que podem ser criadas, a utilização do gênero como categoria de análise implica conhecer, saber mais sobre as diferenças sexuais. Compreender como são produzidas pelas culturas e sociedades nas relações entre homens e mulheres. Portanto, como nos diz Scott (1995, p. 85), gênero pode ser entendido como a "organização social da diferença sexual". Gênero, segundo Scott (1995), é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos que fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre as várias formas de interação humana. É a construção social que uma dada cultura estabelece ou elege em relação a homens e mulheres.

O conceito de gênero, nesta pesquisa, passa por mais um desafio: relacionar-se com a categoria de infância, apontando para a busca da construção de um novo instrumento de análise para as ciências sociais. Nesse sentido, o gênero atrelado à infância apresenta-se como um instrumento fértil de análise das experiências de vida de meninos e meninas que poderão ser evidenciadas nos registros fotográficos.

Segundo Scott (1995), é necessário estar atento para os processos conflitivos por meio dos quais se estabelecem os significados, para as formas por meio das quais conceitos, como o de gênero, adquirem a "aparência de fixidez", e para como as crianças participam contestando essas definições sociais de normatização. Assim, o conceito de gênero nos abre a possibilidade de pensar as diferenças de outras formas e tentar perceber o quanto estamos atribuindo a outros tempos ou a outras culturas nossas próprias concepções. Desse modo, refletir sobre as diferenças pareceu especialmente necessário e fértil, considerando a necessidade de articular gênero, infâncias e imagens por elas criadas e fotografadas.

Contudo, ao observarmos boa parte das fotografias, a diferença de gênero é sutil. Parece-nos que, indiferentemente, meninos e meninas anseiam mostrar o assentamento propriamente dito, com suas conquistas. Isso se faz presente nas fotografias de plantações e ani-

mais que possuem. Tais como a foto da cabrita Belinha, tirada por Daniele, bastante conhecida entre as crianças, que nas relações de vizinhança manifestam-se próximas e constituindo amizades e grupos de convivência que são retratados em várias das fotografias.



Figura 2 A cabrita Belinha

Fonte: Foto tirada por Daniele, do assentamento Dom Brás.

Para finalizar, isso que se oferece mais como convite para ver algumas das três mil fotografias que foram tiradas ao longo da pesquisa, colocamos aqui o pôr do sol. Bastante presente entre as imagens fotográficas, não ilustra, mas convida a pensar mais uma vez sobre as buscas realizadas pelas crianças em seu cotidiano e o que revelam sobre ele. Cotidiano de luta, de atos criadores de adultos, adultas e crianças nas relações estabelecidas no MST.

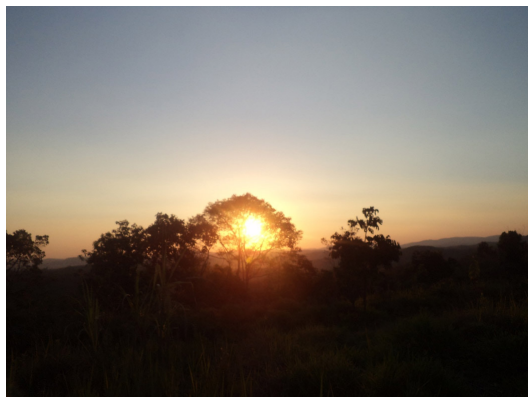


Figura 3 Pôr do sol

Fonte: Foto tirada por Bianca, do assentamento Dom Tomás.

TANTOS ASSENTAMENTOS VISÍVEIS E INVISÍVEIS PELAS LENTES DE MENINOS E MENINAS: ISSO NÃO É UMA CONCLUSÃO

Esta pesquisa, que ora tornamos pública a partir de notas do levantamento bibliográfico e de algumas poucas fotografias tiradas por meninas e meninos, nasce da intenção de conhecer, com base nos pontos de vista das crianças assentadas, diferentes perspectivas e experiências de suas vidas num assentamento do MST em São Paulo. Quem são essas crianças, como representam e constroem esses diferentes espaços vividos em tantas experiências diariamente? Quais suas percepções e suas contribuições como sujeitos que são na construção de outros mundos, em especial na luta e conquista pela terra e por uma outra configuração da sociedade brasileira e do ser humano? Como as lutas sociais são por elas representadas nas fotos? Para responder a essas e tantas perguntas que nos temos feito e com as quais temos convivido no decorrer da pesquisa, o diálogo entre as sociologias da imagem e da infância tem sido fundamental. O estudo das imagens serve-nos como uma proficiente fonte de discussão e pesquisas sobre a construção de infâncias em diversos contextos sociais, históricos e culturais, o que é possibilitado pelas análises das fotos, pela composição, pelas mais variadas formas da relação estabelecida com meninos e meninas, que, em diversos focos, vai se compondo e se apresentando para todos que queiram olhá-las. Deixamos aqui o convite para olhar e ver entre as imagens o visível e o invisível no cotidiano das crianças no assentamento.

All the photo: boys and girls shoot in the daily settlement Dom Tomás Balduino

Abstract – This article seeks to provide boys and girls until the age of six in the settlement Dom Tomás Balduino, Regional Grande São Paulo, as authors of their photographs. Resulting from investigations very inventive, children allow us to learn from them about their ways of seeing and organizing worlds and from images. We present here some of the photographs taken, between 3000, which make up the survey in the settlement, as an invitation to look and research in which image an sociology of childhood can establish conversations sparking conversation on children and representing knowledge.

Keywords: sociology of image, children, photography, sociology of childhood, art and childhood.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICZ, A.; OLIVEIRA, J. A sociologia da Infância no Brasil: uma área em construção. *Revista do Centro de Educação da UFSM*, v. 35, n. 1, p. 38-52, jan./abr. 2010.

- ALDERSON, P. *Os direitos de participação da criança na investigação, no cotidiano e nas políticas*. Braga: Universidade do Minho, 2003.
- BOURDIEU, P. *Un arte médio: ensayo sobre los usos sociales de la fotografía*. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 2005.
- CALDART, R. S. *Pedagogia do Movimento Sem Terra*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- COOK, T.; HELLS, E. What the camera sees and from whose perspective: fun methodologies for engaging children in enlightening adults. *Childhood*, v. 14, n. 1, p. 29-45, 2007.
- DAHLBERG, G.; MOSS, P.; PENCE, A. *Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- JENKS, C. Constituindo a criança. *Educação, Sociedade e Culturas*, Porto, n. 17, p. 185-216, 2002.
- MARTINS, J. de S. *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MÜLLER, F. *Retratos da infância na cidade de Porto Alegre*. 2007. 218 f. Tese (Doutorado em Educação)–Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- NOVAES, S. C. et al. *Escrituras da imagem*. São Paulo: Edusp, Fapesp, 2004.
- NOVAES, S. C. Imagem e ciências sociais: trajetórias de uma relação difícil. In: CUNHA, E.; HIKIGI, R. S.; BARBOSA, A. (Org.). *Imagem: conhecimento*. Campinas: Papirus, 2009.
- PRADO, P. D. *Contrariando a idade: condição infantil e relações etárias entre crianças pequenas da educação infantil*. 2006. Tese (Doutorado em Educação)–Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- ROSEMBERG, F. Teorias de gênero e subordinação de idade: um ensaio. *Pro-Posições*, v. 7, n. 3, p. 17-23, nov. 1996.
- ROSSETTO, E. A. *Essa ciranda não é minha só, ela é de todos nós: a educação das crianças sem terrinha no MST*. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação)–Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. (Org.). *Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*. Porto: ASA Editores, 2004.
- SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.
- TOURAINÉ, A. *Em defesa da sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.